

O Novo Governo de Deus

Os estudantes da Bíblia olham para o governo de Deus entre os homens e vêem três eras distintas — as dispensações patriarcal, judaica e cristã. Esses termos conhecidos referem-se a três períodos da história quando Deus relacionou-se com as pessoas “dispensando” Sua vontade e graça de três maneiras diferentes.

“Patriarcal” refere-se à época e maneira em que Deus operou com *famílias*. O *pai* era aquele através do qual Deus se comunicava; portanto, essa dispensação envolvia um conceito de pai-sacerdote. A liderança e o governo poderiam estender-se a uma série de parentes e a posição de patriarca era transmitida à geração seguinte para o primogênito.

“Judaica” ou “mosaica” é a nomenclatura para a dispensação seguinte. Refere-se à época em que Deus teve um relacionamento com uma *nação* debaixo de uma lei específica dada através de Moisés no Monte Sinai (Êxodo 20; João 1:17). Esse sistema de lei codificada incluía provisões para uma *tribo de sacerdotes*, a tribo de Levi; Arão, irmão de Moisés, foi o primeiro sumo sacerdote (Êxodo 28; 29). Era uma lei incomum pelo fato de ser tanto espiritual quanto secular. Não só envolvia a adoração e o culto de Israel a Deus, mas também servia de lei civil da nação. Portanto, ela regia o crime, a punição, as questões financeiras e até a saúde e a sanidade.

A lei de Moisés foi dada somente à nação de Israel (Êxodo 34:27, 28) e não se aplicava à maioria dos habitantes da terra, que se tornaram conhecidos coletivamente como gentios. A Bíblia nada diz sobre quaisquer leis dadas aos gentios durante os mil e quinhentos anos em que a lei de Moisés esteve em vigor para os judeus, mas há exemplos claros de que Deus preocupava-se com

outras nações¹.

Alguns lampejos do relacionamento de Deus com os gentios durante a dispensação judaica são vistos por toda a história do Antigo Testamento. Portanto, alguns estudiosos assumem a posição de que o sistema patriarcal continuou sendo aplicado aos gentios até a cruz de Cristo.

“Cristã” é o nome da terceira dispensação. Quando Jesus morreu na cruz, Ele trouxe uma nova lei a todo o mundo. Paulo alegou que os cristãos estão livres da “lei do pecado e da morte” porque estão debaixo da “lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus” (Romanos 8:2). Ele também falou de estarem debaixo da “lei de Cristo” (Gálatas 6:2). Tiago escreveu sobre a “lei perfeita, lei da liberdade” e a “lei régia” (Tiago 1:25; 2:8). Todas as pessoas estão sujeitas a essa nova lei, independente de nacionalidade ou raça. Nesse novo sistema, Deus se relaciona com *indivíduos*, não com famílias ou com uma nação, como nos sistemas anteriores.

Atos é uma explosão de relatórios de mudanças extraordinárias entre as primeiras pessoas que nasceram de novo no reino de Cristo e se tornaram sujeitas à Sua lei. Primeiro, entre os judeus, os apóstolos ensinaram as pessoas que estavam acostumadas à lei mosaica. Depois, os apóstolos pregaram aos gentios, sendo Cornélio

¹Um exemplo é Nínive, a capital da Assíria, uma nação gentia. Jonas, um profeta israelita, foi mandado a Nínive para dar a seus cidadãos uma oportunidade de se arrependerem (Jonas 1:1, 2; 3:1-4). Jonas não pregou para que obedecessem à lei de Moisés, pois ela não se aplicava a eles. Conclui-se que, uma vez que Deus estava dando aos gentios uma oportunidade de se arrependerem dos pecados, e uma vez que o pecado é a uma violação da lei (Romanos 4:15; 5:13; 1 João 3:4), eles estavam debaixo de algum tipo de lei divina.

o primeiro deles (Atos 10).

À medida que indivíduos recebiam Jesus, tinham um relacionamento com Deus na igreja que Jesus edificou (Mateus 16:18). Logo, congregações espalharam-se por todo o mundo². Atos elucida como Deus, agora, relaciona-se com os Seus filhos, tanto individualmente como nas congregações da igreja do Senhor.

AS CONGREGAÇÕES TINHAM COMUNHÃO COM OUTRAS CONGREGAÇÕES

A primeira congregação em Jerusalém (Atos 2:41–47) reconheceu que havia outros adoradores de Deus em outras cidades. Enviaram ajuda aos cristãos de Antioquia por meio de Pedro e João (Atos 8:14). Mais tarde, essa congregação aceitou um homem que fora convertido a Cristo em Damasco, Saulo de Tarso (Atos 9:26–28). A igreja de Jerusalém aceitou as conversões dos gentios de Cesaréia (Atos 11:18), o que comprovou a ruptura de uma grande muralha de preconceito entre judeus e gentios. Essa mesma igreja enviou a “primeira carta inspirada do Novo Testamento”, carta essa que explicava as decisões do Senhor em relação à circuncisão de gentios (Atos 15:22–31). Essa decisão foi obviamente inspirada, tomada sob a orientação do Espírito Santo e não foi resultado de uma votação dos apóstolos (Atos 15:28).

Os cristãos de Antioquia mandaram alívio para Jerusalém e para a Judéia durante uma fome (Atos 11:27–30). A igreja em Antioquia também mandou missionários numa viagem para o outro lado do Mar Mediterrâneo, a fim de pregarem o evangelho (Atos 13:1–3), e ela recebeu os relatórios desses homens quando regressaram, mais de três anos depois (Atos 14:26, 27).

Um outro exemplo de cooperação e comunhão manifestou-se num período posterior de necessidade de benevolência. Igrejas na Galácia, Macedônia e Acaia mandaram alívio para uma fome na Judéia. Paulo ajudou a entregar esse donativo (Atos 24:17; 1 Coríntios 16:1, 2; 2 Coríntios 8:1; 9:1, 2).

Congregações diferentes por todo o mundo conhecido se reconheciam como cristãs em Cristo, ofereciam apoio e ajuda umas às outras, tinham

comunhão entre si e se consideravam grupos locais diferentes mas pertencentes à mesma igreja do Senhor. Cada igreja local era a igreja universal em miniatura.

AS CONGREGAÇÕES ERAM CONDUZIDAS POR HOMENS ESPECIAIS

Na primeira congregação em Jerusalém, os apóstolos eram os líderes no começo. Eles não só lideravam no ensino, mas também lideravam nas distribuições benevolentes. Quando necessidades exigiam uma ação benevolente, os cristãos entregavam suas ofertas “aos pés dos apóstolos” (Atos 4:37). Hoje, podemos nos referir a essa organização como uma tesouraria da igreja ou uma conta bancária. Entregavam-se os fundos financeiros para essa tesouraria do grupo e as despesas eram feitas com base nas decisões dos líderes do grupo, os apóstolos. Quando os apóstolos precisaram ser liberados do trabalho de distribuição, servos especiais da igreja — mais tarde conhecidos como diáconos — foram escolhidos para assisti-los (Atos 6:1–6). A liderança pessoal dos apóstolos foi temporária, pois Deus planejou que as igrejas tivessem uma liderança permanente que não exigisse a presença dos apóstolos.

Dentro de poucos anos, uma fome na Judéia fez com que os irmãos de Antioquia mandassem fundos para Jerusalém. Esse alívio foi mandado “aos presbíteros” (Atos 11:30). A parte conclusiva dos primeiros esforços missionários de Paulo incluiu a instituição de homens para serem presbíteros. Quando ele e Barnabé instituíram líderes nas jovens congregações com quem haviam trabalhado, esses líderes foram chamados “presbíteros” (Atos 14:23).

Em Jerusalém, no término da primeira viagem missionária e na ocasião de uma reunião especial para se discutir a respeito do problema da circuncisão, obviamente certos homens estavam numa posição de liderança juntamente com os apóstolos; e estes eram chamados de “presbíteros” (Atos 15:2, 4, 6, 22). Em Mileto, Paulo teve uma despedida terna e comovente dos irmãos de Éfeso. Lucas escreveu que esses homens eram “presbíteros” (Atos 20:17; veja também 20:28). No término da terceira viagem missionária, um pedido especial foi feito pelos presbíteros de Jerusalém para que Paulo ajudasse quatro homens a cumprirem um voto (Atos 21:18–25).

²Veja “A Vinda da Igreja” para uma explicação mais ampla.

Em todos esses exemplos, quando se mencionam presbíteros, os contextos mostram que Lucas estava escrevendo a respeito de líderes nas congregações locais da igreja do Senhor. Esses homens foram mencionados como “presbíteros”, e eram o propósito permanente do Senhor para a Sua igreja.

As Designações dos Líderes

No Novo Testamento há três nomes usados com referência a esses líderes: “presbítero”, “bispo” e “pastor”. Em seu discurso em Mileto, Paulo chamou esses homens de “bispos”, enquanto Lucas escreveu que Paulo havia convocado os “presbíteros” para se reunirem com ele (Atos 20:17, 28). Quando Paulo deixou Tito em Creta, ele encarregou-o de constituir presbíteros; mas, ao dar as qualificações espirituais para esses líderes, ele também os chamou de “bispos” (Tito 1:5,7)³. Pedro chamou a si mesmo de “presbítero” ao exortar os colegas presbíteros no trabalho, dizendo-lhes para “pastorearem” o rebanho com quem eles trabalhavam (1 Pedro 5:1, 2). Obviamente, todas as três palavras foram usadas referindo-se aos mesmos homens que ocupavam esse ofício. Eram chamados por todos esses três nomes.

Presbuteros, a palavra grega mais frequentemente traduzida por “presbítero”, é usada em formas diferentes setenta e quatro vezes no Novo Testamento. Aparece dezenove vezes no livro de Atos. Em dois contextos, ela se refere a homens mais velhos, avançados em idade e em sete vezes refere-se a líderes da comunidade judaica. O uso mais predominante da palavra em Atos, porém, é com referência a líderes da igreja do Senhor: é assim usada dez vezes. “Presbítero” é uma palavra que se refere a idade e experiência em todos os seus usos, mas alguns contextos denotam um grupo especial de homens constituídos numa congregação da igreja do Senhor, homens esses que deveriam assumir a liderança. Deveriam ser os líderes nas igrejas devido à sua idade, experiência e maturidade espiritual.

A palavra traduzida por “bispo” (*episkopos*) é uma combinação de dois termos gregos que juntos significam literalmente “examinar”, “cuidar”. Em situações de liderança, o termo refere-se a

quem examina o trabalho e os trabalhadores. A palavra é usada onze vezes no Novo Testamento; em sete ocorrências refere-se a esses mesmos líderes espirituais dentro das igrejas locais. Em uma ocorrência refere-se ao trabalho de um apóstolo (Atos 1:20). É traduzida duas vezes por “visitação” (Lucas 19:44; 1 Pedro 2:12) e uma vez por “atentando diligentemente” (Hebreus 12:15). Quando usada com referência a homens que devem liderar igrejas locais, o termo é aplicado à vigilância das atividades desse grupo.

“Pastor” (*poimen*) é usado no sentido literal e figurado, referindo-se aos que cuidam das ovelhas. Aparece trinta e nove vezes no Novo Testamento, pelo menos treze vezes descrevendo homens que literalmente cuidavam de rebanhos de ovelhas terrenas. O termo refere-se a Jesus como o pastor especial de almas cinco vezes, mas, em pelo menos sete contextos, descreve homens que são líderes em igrejas locais. Uma forma verbal da palavra é usada uma vez para descrever o trabalho dos presbíteros, o que mostra que esses termos para líderes congregacionais são intercambiáveis (Atos 20:28). Os líderes podiam ser ao mesmo tempo “presbíteros”, no sentido de idade, experiência e maturidade espiritual, e “pastores”, no sentido de homens que cuidavam do rebanho (os cristãos de Éfeso). Além disso, podiam ser chamados de “bispos”, no sentido de que estavam examinando os interesses do grupo.

Esse trabalho ou ofício definido nas igrejas do primeiro século é visível pela saudação de Paulo aos “bispos e diáconos” de Filipos (Filipenses 1:1). Deus planejou uma ordem funcional de liderança na igreja, e as palavras “presbítero”, “bispo” e “pastor” foram usadas alternadamente para descrevê-la. A menção de diáconos neste versículo indica que obreiros-servos especiais foram usados e reconhecidos ao lado de líderes da igreja em Filipos.

Os Papéis dos Líderes

O trabalho desses presbíteros/bispos/pastores deveria ser tríplice. Primeiro, os presbíteros tinham de *liderar*. Entre suas responsabilidades estava o governo e o cuidado para com a igreja local em que viviam e adoravam (1 Timóteo 3:5; 5:17). Deveriam governar através do exemplo, do ensino e da vigilância (Hebreus 13:7, 17).

Segundo, deveriam *prestar atenção*. Para

³Tito 1:5 usa uma forma do termo *presbuteros*, que é transliterado em português para “presbítero” na maioria das versões. Tito 1:7 usa a palavra *episkopos*, que é traduzida por “bispo” na ERAB, ERC e NVI.

liderar devidamente, eles tinham de prestar atenção às suas próprias vidas e condutas pessoais (Atos 20:28). Esses homens também tinham de velar pelas almas sob os seus cuidados (Hebreus 13:17) e tinham de se apegar fielmente à Palavra de Deus, estando dispostos a exortar e convencer “os que contradiziam” e se opunham à verdade (Tito 1:9).

Terceiro, eles deveriam *alimentar*. O Senhor planejou Sua igreja de modo que homens qualificados pudessem instruir as almas que estavam sob os seus cuidados (Atos 20:28; 1 Pedro 5:2). Deveriam ser professores (1 Timóteo 3:2), capazes de instruir positivamente; e, num sentido negativo, deveriam ser guardiões que conheçam as doutrinas de Cristo o bastante para rejeitar falsas doutrinas (Tito 1:9). Deveriam ser corajosos o bastante para impedir que falsos mestres tivessem oportunidade de contaminar os membros da igreja entregues aos seus cuidados (Tito 1:10, 11).

CONCLUSÃO

As congregações do primeiro século eram independentes: tomavam suas próprias decisões e cuidavam de seus interesses. Nenhuma congregação exercia controle algum sobre outra congregação. Essas igrejas não eram organizadas dentro de uma diocese, presbitério, associação, sínodo ou regional. Não tinham sedes nacionais nem internacionais. Eram simplesmente grupos de pessoas em muitos locais, que serviam ao Senhor Jesus Cristo. Todas igualmente haviam aceitado o mesmo evangelho; todas haviam sido acrescentadas à igreja pelo Senhor; e todas adoravam, ensinavam e trabalhavam da mesma maneira. Partilhavam dessas características porque estavam todas sujeitas ao mesmo “cabeça”, Jesus Cristo, como Senhor (Colossenses 1:18). Ele dera as mesmas instruções e ensinamentos a todas as congregações. As igrejas locais cooperavam umas com as outras e se ajudavam mutuamente em várias ocasiões, mas eram autônomas.

Em cada igreja havia uma *pluralidade* de homens que assumiam a liderança, tão logo se achassem qualificados espiritualmente e fossem escolhidos pelos membros. Nas referências a esses homens e às suas relações com as igrejas, sempre se menciona um grupo de homens. O Novo Testamento não contém nenhum conceito de um só presbítero liderando uma congregação,

um só presbítero liderando um grupo de congregações, nem de um só presbítero especial chefiando ou liderando. Todos os homens tinham responsabilidades e autoridades iguais dentro do grupo de liderança.

Os presbíteros dirigiam o trabalho dos cristãos dentro das igrejas nas quais serviam. Não exerciam autoridade alguma sobre os presbíteros de outras congregações. O respeito por um presbítero podia levar pessoas de fora de sua própria congregação a lhe pedirem conselho, mas o propósito de Deus não incluía autoridade do presbítero fora do âmbito da igreja local.

Os líderes da igreja não escreveram leis adicionais ou tradições, como fizeram os judeus debaixo da lei de Moisés, especialmente durante o período intertestamentário. O Talmude — constituído de duas seções conhecidas como o “Mishnah” e o “Gemara” — é um produto dos judeus antigos que acrescentaram tradições à Lei que Deus dera a Israel. Essas tradições, porém, foram censuradas pelo Senhor em muitas ocasiões (Marcos 7:6–9). Os líderes da igreja não podiam promulgar novas leis ou ensinamentos e não estavam autorizados a decidir por votação políticas para modificar condições sociais. O compromisso deles era com a Palavra do Senhor somente. O mesmo compromisso precisa ser praticado hoje pelos cristãos que querem ser fiéis aos conceitos do Novo Testamento.

Os membros da igreja tinham de se sujeitar à liderança desses presbíteros, respeitando o julgamento e a pessoa deles de tal maneira que os seguissem de bom grado. Esses homens tinham de ter um caráter tão piedoso e vidas tão exemplares a ponto de ganharem o respeito de todos (1 Pedro 5:2, 3). Além disso, esses homens tinham de se sujeitar uns aos outros como presbíteros, assim como qualquer outro membro da igreja local (Efésios 5:21). Em questões onde não houvesse consenso no julgamento, deveriam preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz (Efésios 4:3), nada fazendo por egoísmo ou vaidade. Cada um tinha de considerar os outros “superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3).

Não se conhece nenhuma outra ordem de liderança na igreja do Senhor. Deus não estabeleceu nenhum “bispo superintendente”, nenhum bispo regional, nenhum cardeal, nenhum papa ou sucessor de apóstolos. Ele não estabeleceu nenhum dos ofícios que são hoje tão comuns

entre denominações. O governo espiritual planejado pelo Senhor destina-se a homens qualificados que assumiam a liderança como ovelhas em nome do “Pastor Chefe”, o qual os recompensará com uma coroa de glória pela sua devoção e

trabalho (1 Pedro 5:4).

O governo de Deus sempre funcionará; ele não precisa de estruturas adicionais. Atos é um registro de Deus colocando em funcionamento o Seu governo nas Suas igrejas. ❖

Autor: *Roy H. Lanier, Jr.*

Série: *Atos*

©Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS